outros elementos cênicos, que nunca aparecem íntegros, há sempre algo que lhes falta: os bustos; o excesso de frases interrompidas; o jogo de luz, que ilumina um plano enquanto se apaga outro; as referências veladas; o povo, que não aparece, de fato, em cena; e o pássaro, apenas carcaça. A construção simbólica do cenário reforça ainda mais o sentido, com seu piso quadriculado, tal qual um tabuleiro de xadrez, jogo que se desenvolve ao longo do texto com desvantagens para o Papa, prenunciando seu fim.

A morte do patriarca, portanto, é um alerta à nossa desumanização, à nossa transformação em peças manipuláveis, o que parece estar resumido na fala do Demônio: "[...] talvez exista em algum trecho uma palavra-chave. Alguma coisa que os emocione novamente".

O VERDUGO

(1969)

Personagens

O Verdugo: Homem de 50 anos.

A Mulher do Verdugo: 45 anos, forte. Tom quase sempre amaro, ríspido.

Filho: Jovem.

Filha: 28 anos.

Noivo da Filha: Aspecto pusilânime, tem sempre um sorriso idiota.

Carcereiro

Juiz velho: 50 anos.

Juiz jovem: 30 anos.

Cidadãos: Podem ser muitos, mas os que falam são em número de seis.

O homem: Deve ser alto.

Os dois homens-coiotes: Devem ser altos.

1º ATO

Cenário

Casa modesta, mas decente. Sala pequena. Mesa rústica. Dois bancos compridos junto à mesa. Um velho sofá. Uma velha poltrona. Uma porta de entrada. Outra porta dando para o quarto. Paredes brancas. Dois pequenos lampiões. Aspecto geral muito limpo. Nessa sala não deve haver mais nada, nada que identifique essa família particularmente. Moram numa vila do interior, em algum lugar triste do mundo. Mesa posta. O Verdugo, a mulher, a filha e o filho estão sentados à mesma. A mulher deve estar servindo sopa ao marido. É noite.

Mulher (*ríspida. Para o Verdugo*): Come, come, durante a comida pelo menos você deve se esquecer dessas coisas. Que te importa se o homem tem boa cara ou não? É apenas mais um para o repasto da terra. (*pausa*)

Verdugo (*manso*): Você não compreende.

MULHER: Não compreendo, compreendo muito bem, mas que me importa? Não sou eu que faço as leis. Estou limpa. E você também está limpo. *(pausa. Começam a tomar a sopa)*

FILHO: O pai sabe que é imundície tocar naquela corda que vai matar o homem.

FILHA: Cala a boca você.

FILHO (*exaltado*): Por quê? Por que é que eu tenho de calar? Você pensa apenas em você. E se o pai vai ganhar dinheiro por fora desta vez é porque é mais difícil matar aquele homem do que qualquer outro.

VERDUGO: Ninguém falou em dinheiro ainda.

FILHO *(dócil)*: Mas vão falar, vão falar. Espera, pai. (*pausa*) O pai sabe que o homem dizia coisas certas. O homem é bom.

FILHA: Bom, bom (*com desprezo*), ha, ha, ele pôs fogo em todo o mundo. Fogo, só isso.

FILHO: Ele é bom.

MULHER: Bondade é dar dinheiro para encher a barriga. Ele te deu dinheiro, por acaso?

FILHO: Ele me deu outra coisa.

FILHA (*com ironia*): E que coisa foi essa?

FILHO: Você não compreende. Nem adianta falar.

MULHER (*para o Filho*): A sua irmã é uma estúpida para não compreender o que você fala? Deixa de ser bobo, menino. Começou a estudar outro dia mesmo.

FILHO: Mãe, o pai sabe que é imundície tocar naquele homem.

MULHER: Imundície ou não, não me importa nada. Come. (*pausa*) A mim me importa encher a barriga de vocês.

FILHO: O homem falou que encher a barriga é importante, mas que não é tudo.

MULHER: Não? Não? Quem sabe se ele quer encher (*põe a barriga para frente e contorna-a com as duas mãos*) a barriga das mulheres, hein? E isso que o homem também quer?

FILHO (*manso*): Para, mãe. Ninguém aqui na vila quer que o homem morra, a senhora sabe.

MULHER: Ninguém aqui na vila... E quem são esses coitados? Cuida da tua vida, menino.

VERDUGO: Deixa o rapaz.

MULHER: Você está sempre do lado dele.

VERDUGO (*manso*): Não é isso, não é isso.

FILHA: É sim, meu pai. O senhor o defende sempre. Por quê? Ele é melhor do que nós? Eu também não sou sua filha?

VERDUGO: Me deixa comer.

MULHER: É, nessas horas ele só quer comer.

VERDUGO: Ô merda, mulher! A minha cabeça aguenta algum tempo, depois eu me esqueço, ouviu? Me esqueço que sou um homem e viro... chega! (*pausa. Brando*) O homem tem uma cara impressionante. (*pausa*)

FILHO: Como ele é bem de perto, pai? (*pausa*) Fala.

VERDUGO: O homem tem um olhar... um olhar... honesto.

MULHER: Honesto, ha!

VERDUGO: Limpo, limpo. Limpo por dentro.

MULHER (*com desprezo*): Ah, isso!

FILHA: Por dentro ninguém sabe como ele é. Ninguém sabe como ninguém é por dentro.

FILHO: Eu sei como você é por dentro.

FILHA: Ah, sabe? Fala, então.

FILHO: Por dentro você não tem nada. É oca.

VERDUGO (*manso*): Chega.

FILHA (*para o irmão*): Mas vou deixar de ser. Vou casar, vou ter filhos...

FILHO (*interrompe e refere-se ao noivo da irmã*): Com aquele? (*faz caras de desprezo*)

FILHA (*exaltada*): Com aquele, sim. E vou deixar de ver a tua cara. Isso já será um grande consolo.

FILHO: Você só pode se casar se o pai ganhar esse dinheiro.

FILHA: A morte do homem é daqui a dois dias.

FILHO: O pai não vai fazer o serviço.

MULHER: Cala, menino. Cala. (*pausa*) Come. (*pausa*)

FILHO: Hein, pai?

VERDUGO (*manso*): Não sei, meu filho, não sei.

MULHER (*para o Filho*): O seu pai precisa descansar. E vai aceitar o serviço, sim. (*para o Verdugo, branda*) Não é?

VERDUGO (*seco*): Não sei.

MULHER: Trate de ficar sabendo logo. Não é o primeiro nas tuas mãos.

VERDUGO (*seco*): Ele é diferente.

MULHER: Diferente, limpo, uf! É igual aos outros.

FILHO: Ninguém tem o mesmo rosto.

MULHER: Eu quero dizer que ele é igual a todos os outros filhos da puta que morreram porque a lei mandou. (*para o Verdugo, sorrindo com ironia*) Você se lembra daquele que parecia um anjinho? Hein? Lembra? Todos diziam...

VERDUGO (*interrompe*): Eu não.

MULHER: ...mas os outros diziam: ele tem cara de anjo. E vocês se lembram do que ele fez? (*para o Verdugo e para o Filho*) Se lembram? Acho que vocês dois não estão lembrados. (*para a Filha*) Conta, filha, porque aquele outro anjinho foi condenado.

FILHA (*sorrindo*): Ele matou aqueles dois meninos.

MULHER (*irônica*): Só isso?

FILHA (*sorrindo*): Não. Primeiro ele queimou as plantas dos pés e as mãozinhas dos menininhos.

MULHER: E depois?

VERDUGO (*seco*): Já sabemos, chega.

MULHER (*para o Verdugo*): Não, espera. (*para a Filha*) E por que ele queimou as plantas dos pés e as mãozinhas dos meninos? Hein, filha?

FILHA (*sorrindo*): Porque assim os menininhos não podiam ficar em pé e nem podiam se defender com as mãozinhas.

MULHER: Para fazer aquela porcaria, não é? Então, e muita gente dizia que ele parecia um anjinho.

VERDUGO: Eu não.

FILHO: Mas esse é diferente, não é nada disso, mãe. Esse só falou.

MULHER: Deve ter falado besteira.

FILHO: Ele falava de Deus, também.

MULHER: Deus, Deus, onde é que está esse Deus? (*para o Filho*) Não foi você mesmo que andou lendo que naquele lugar, lá longe...

FILHO (*interrompe*): Na Índia.

MULHER: Sei lá, na Índia, onde for, as criancinhas de seis anos vão para o puteiro? Deus, Deus... e depois não foi você mesmo quem disse que se elas não fossem para os puteiros aos seis anos elas morreriam de qualquer jeito, de fome? Hein?

FILHO: Foi, sim, mãe. Fui eu mesmo.

MULHER: Então deixa o teu pai fazer o serviço. Se Deus não consegue ajudar aquelas criancinhas,

você acha que esse homem é que vai nos ajudar? (*pausa*)

FILHO (*para o pai*): O pai não quer fazer, não é?

MULHER: Essa é a profissão de teu pai.

FILHO (*olhando para o pai*): Verdugo.

MULHER: Verdugo, sim. Uma profissão como qualquer outra. (*pausa*)

VERDUGO: Mas esse homem eu não quero matar, mulher.

MULHER (*impaciente*): Mas não é você quem vai matar. É a lei que mata. Você é o único aqui na vila que pode fazer o serviço. Ninguém mais. Ora, que besteira.

VERDUGO: Mas a gente da vila não quer que o homem morra. O povo...

MULHER (*interrompe*): Deixa disso, o povo é filho da puta, eles fazem assim só pra não dar o gosto pra aqueles juízes.

FILHO: Os juízes estavam cansados. Você viu, mãe? Eles quase se deitavam sobre a mesa. O rosto dos dois estava branco. E as mãos também. Eles suavam.

MULHER: Pudera. Com aquela roupa negra.

FILHO: Eles suavam de medo.

FILHA: Medo! Juiz algum tem medo?

FILHO: Um deles tinha os olhos vermelhos.

FILHA: Estava resfriado.

FILHO: Resfriado nada. Parecia até que tinha chorado.

FILHA: Um juiz chorando! Que imaginação!

FILHO (*querendo terminar a discussão*): Tá bem. Devia ser o calor.

FILHA: Estava frio.

FILHO: Frio! Você está louca.

FILHA: Eu sentia frio.

FILHO: Você sentia era medo.

FILHA: Medo de quê?

FILHO: Medo do homem.

FILHA: Mas você é besta mesmo, não? Por que eu havia de sentir medo daquele homem? O homem não é nada meu, é só um homem que falava, falava... (*pausa*) Idiota.

FILHO: O homem é bom de perto, pai?

VERDUGO (*manso*): Não sei, meu filho, não sei. (*pausa*) É muito difícil para mim. É assim como

se eu tivesse que cortar uma árvore, você entende? Eu nunca derrubei uma árvore, eu não saberia, é difícil, não é o meu ofício.

MULHER: Uma árvore... Você cortou cabeças, enforca gente e fala de uma árvore. Parece que está louco.

VERDUGO: É diferente, mulher. É diferente. Esse homem é como se fosse uma árvore para mim. (*pausa*)

FILHO: Que cara ele tem bem de perto, pai?

MULHER: A mesma cara de longe. (*pausa*)

FILHO (*para o pai*): E as mãos? Eram bonitas de longe.

FILHA (*com desprezo*): Bonitas! Eram mãos.

FILHO (*maravilhado*): Grandes. (*pausa*)

VERDUGO: De perto, meu filho... ele parece o mar. Você olha, olha e não sabe direito pra onde olhar. Ele parece que tem vários rostos.

MULHER: Todo mundo só tem um rosto.

VERDUGO (*para o Filho*): ...de repente, ele olha firme, você sabe? Assim como se eu te atravessasse. É muito difícil olhar para ele quando ele olha assim. E depois... ele também pode olhar

de um jeito... Você se lembra daquele cavalo que um dia te seguiu?

FILHA (*rindo*): Quem é que não se lembra? O cavalo não aguentava subir aquela ladeira. O dono do cavalo dava umas pauladas no focinho do coitado. (*ri. Para o irmão*) Aí você gritou: "se você é tão macho para bater em mim como bate nesse cavalo, eu corto o meu..." (*ri*) e pulou em cima do homem como um leão. O coitado fugiu feito doido. E o cavalo só podia te seguir, lógico. (*ri*) Até o cavalo compreendeu. Foi engraçado aquele dia.

Todos riem. Pausa.

VERDUGO (*para o Filho*): Mas você se lembra dos olhos do cavalo?

FILHO: Eu me lembro, sim, pai, eu me lembro. (*pausa*)

VERDUGO: Pois o homem tem às vezes aquele olho.

FILHO: Então ele é bom, pai.

MULHER: Mas o que adianta vocês ficarem falando que ele é bom, se ele tem os olhos do cavalo ou não? (*para o Filho*) O homem tem de morrer e é seu pai quem vai fazer o serviço. E vai ganhar bem desta vez. Vamos começar outra vida, tenho certeza.

Batem na porta.

MULHER (*para a Filha*): É o teu noivo. Abre.

A Filha vai até a porta. Abre e fecha rapidamente. Entra o Noivo.

FILHA (*para o Noivo, meiga*): Você chegou tarde hoje.

NOIVO (*para todos, sorriso idiota*): Boa noite.

VERDUGO (*seco*): Boa noite.

MULHER (*amável*): Boa noite, meu filho. Senta. Já jantou hoje? (*o Noivo faz uma cara apreensiva*) Mas que cara!

NOIVO (*para o Verdugo*): Tem gente aí querendo falar com o senhor.

VERDUGO: Que gente?

NOIVO (*sorriso idiota*): Os homens... de preto.

MULHER (*apreensiva*): Os juízes?

NOIVO: É.

FILHA (*para o Noivo*): E você fechou a porta?

NOIVO: Você é que fechou.

MULHER: E a casa desse jeito. Nem tirei a mesa. (*tenta tirar as coisas de cima da mesa*)

VERDUGO: Manda entrar, mulher, vai. Eles sabem que a casa é assim mesmo.

A mulher vai abrir a porta.

MULHER: Entrem, por favor, Excelências. (*os juízes entram*) Não esperávamos, está tudo ainda... (*mostra a mesa em desordem*)

JUÍZES (*interrompendo, para todos*): Boa noite.

FILHA e NOIVO: Boa noite.

VERDUGO (*seco*): Boa noite.

O filho do Verdugo cumprimenta apenas com a cabeça.

JUIZ VELHO: Fiquem tranquilos. Nós só viemos para combinar.

MULHER (*servil*): Por favor, sentem, Excelências, por favor.

JUÍZES (*sentando-se*): Obrigado. (*pausa longa*)

JUIZ JOVEM (*para a mulher*): A moça vai casar, não é?

MULHER: Esperamos, mas (*apontando para o Noivo*) ele está sem serviço. (*pausa longa*)

JUIZ JOVEM: Tudo se arruma, não é?

MULHER: Seria um presente do céu, Excelência.

JUIZ JOVEM: Pois é. (*pausa longa*)

JUIZ VELHO: Vão melhorar de vida.

MULHER: Se Deus quiser, Excelência.

JUIZ VELHO: Parece que Deus quer. (*pausa*)

JUIZ JOVEM (*para a Mulher*): Mas...

MULHER (*interrompe*): Posso oferecer alguma coisa?

JUIZ JOVEM: Não, não, temos um pouco de pressa. Ainda não fomos para nossas casas. Nem pudemos tirar essa roupa. (*olha para a toga*)

FILHA (*fazendo a mulherzinha para o Juiz Jovem*): É bonita essa roupa.

JUIZ JOVEM: É pesada.

FILHA: Mas é bonita.

JUIZ VELHO (*para a Filha*): Então vai se casar.

FILHA: Acho que sim, (*olha para o Noivo*) não é? (*olha para o Juiz jovem. Sorri. Os juízes sorriem. Pausa*)

JUIZ JOVEM (*para o Verdugo*): Bem, o senhor sabe como é... o homem... tem de morrer.

MULHER: Sabemos, lógico. Tem de morrer.

JUIZ JOVEM: Não há outro jeito.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): Ele falou demais. O senhor compreende? E boca deve ter uma medida.

JUIZ JOVEM: Certas palavras não devem ser ditas.

MULHER: Ele falava muito, é verdade.

NOIVO (*sorriso idiota*): Ele falava coisas sem sentido.

JUIZ JOVEM: Confundiu todo mundo.

FILHA (*sorrindo para o Juiz jovem*): Eu não entendia bem o que ele falava.

JUIZ VELHO: Nem era para entender, minha filha. Ninguém entendia.

FILHA (*olhando para o Juiz jovem. Sorrindo*): E depois sempre havia tanta gente... Eu não conseguia chegar muito perto.

MULHER (*para os juízes*): A gente é curiosa. Só ia pra ver, ver como era, os senhores sabem.

JUIZ JOVEM: Compreendo. É a novidade. (*pausa*)

NOIVO (*sorriso idiota*): Aqui a gente não tem nada pra ver.

JUIZ VELHO: Claro. (*pausa*)

JUIZ JOVEM (*para o Verdugo*): O senhor já está preparado, então.

MULHER: Ah, está sim, ele não precisa se preparar muito. (*sorri*) É o ofício dele, de sempre, (*para o marido*) não é?

FILHO: O pai não respondeu.

MULHER: Vai saindo, menino. Você não tem a escola?

FILHO: Hoje eu não vou à escola.

MULHER: Imagine, vai de qualquer jeito, vamos.

JUIZ JOVEM: Espera um pouco, senhora. (*olha para o rapaz*) O moço quer dizer alguma coisa?

MULHER: Ele não quer dizer nada, Excelência. Ele é um menino, só isso. (*para o Filho*) Vai.

JUIZ JOVEM: Não. Ele quer dizer alguma coisa.

JUIZ VELHO: Pode falar, moço. O que é? (*pausa*) Hein? (*pausa*)

FILHO: O homem é bom.

MULHER: Cala a boca.

JUIZ JOVEM: Deixa, senhora.

JUIZ VELHO (*para o Filho*): É bom? Por quê? (*pausa*)

FILHO: Ele nunca fez nada de mal.

JUIZ JOVEM: O homem é esperto, moço. Parece bom, mas não é.

JUIZ VELHO (*para o Filho*): Você acha que a lei se enganou, meu filho?

MULHER: Por favor, Excelências, o meu menino não sabe nada. Começou a estudar há pouco tempo.

JUIZ VELHO (*insistindo*): Hein, moço? A lei se enganou? (*pausa*)

FILHO: Eu disse que o homem é bom.

JUIZ JOVEM: Você acha então que é bondade falar o que ele fala?

NOIVO (*o mesmo sorriso*): O meu colega do meu emprego antigo morreu naquele dia, quando o homem falou.

JUIZ VELHO (*para o Filho*): Então, meu filho.

FILHO (*para o Noivo*): Morreu porque mataram. Não foi o homem quem matou.

JUIZ VELHO (*para o Filho*): Morreu, meu filho, porque o homem enlouqueceu as gentes. Agitou.

FILHO: Ele falou de Deus também.

JUIZ JOVEM: Deus não é alguém que vive na boca desse homem. Deus está dentro do nosso coração. Não é preciso falar Dele a toda hora. (*pausa*)

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): Então... o senhor está preparado?

MULHER: Claro que está, Excelência.

JUIZ VELHO: Mas ele não responde.

MULHER (*para o Verdugo*): Fala, homem, eles não podem perder tempo. (*para os juízes*) Ele é um bom profissional. Nunca precisou de ajudante. A mão dele é firme, grande. (*procura mostrar a mão do Verdugo para os juízes. O Verdugo encolhe as mãos*)

VERDUGO (*para a Mulher, seco*): Deixa pra lá.

MULHER: Mas o que é que tem mostrar a tua mão para as Excelências? (*insiste, pega nas mãos do Verdugo*) Estica, estica assim.

VERDUGO (*impaciente*): Me larga, mulher.

MULHER (*irritada*): Mas o que é? O que é?

JUIZ JOVEM (*para a Mulher*): Nós sabemos que ele é um bom profissional.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): Não se incomode. (*pausa longa*)

Silêncio constrangedor. Todos olham fixamente para o Verdugo, e de repente o juiz parece que vai falar, mas o Verdugo o interrompe.

VERDUGO (*objetivo*): Eu não estou preparado.

Os juízes entreolham-se. Examinam atentamente o Verdugo.

JUIZ JOVEM: Mas não é essa a sua profissão?

JUIZ VELHO: Não é o seu dever? Cumprir a lei?

FILHA (*em tensão*): O pai está cansado, é isso. Passou o dia inteiro lá, vendo o peso do homem, preparando tudo, os senhores sabem.

JUIZ JOVEM (*para a Filha*): Mas é preciso saber se o seu pai está preparado para a execução.

MULHER (*para o Verdugo*): Fala!

FILHO: O pai não quer.

VERDUGO (*cabisbaixo*): Não é bem assim... não é... é que... eu não me sinto capaz.

JUIZ VELHO: Mas isso é para nós um terrível contratempo. O senhor sabe que é o único na vila credenciado para esse serviço.

VERDUGO: Eu sei. (*pausa*)

MULHER (*para o Verdugo*): Fala de uma vez o que é, homem. (*pausa*)

VERDUGO (*para os juízes*): Eu acho que o homem não merece, os senhores entendem?

JUIZ JOVEM: Não merece o quê? (*pausa*)

VERDUGO: A morte. O homem não merece a morte.

JUIZ VELHO: Mas isso já foi decidido. Ele foi condenado.

JUIZ JOVEM (*para todos*): Os senhores viram que fizemos todo o possível.

NOIVO: E o impossível, Excelências. Vimos muito bem.

JUIZ JOVEM (*para todos*): Ele teve todos os direitos. Fizemos tudo.

JUIZ VELHO (*para todos*): Nada lhe foi negado. Então... (*pausa*)

VERDUGO: Mas ninguém ficou satisfeito. A gente toda da vila...

JUIZ JOVEM (*interrompe*): Mas não é a vila que julga o homem. Pra isso nós existimos. Já dissemos, foi tudo dentro da lei.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): Procure entender... escute: o senhor terá... regalias.

VERDUGO: Que regalias?

JUIZ VELHO: Terá auxílio.

VERDUGO: Dinheiro?

JUIZ VELHO: Um auxílio.

VERDUGO: Mas nunca foi preciso qualquer coisa além daquilo que eu ganho para fazer o meu serviço.

JUIZ JOVEM: Mas... como é um caso difícil, nós entendemos que será justo ajudar o senhor.

VERDUGO: Difícil?

NOIVO (*sempre com o mesmo sorriso alvar*): A vida é difícil para todos, não? Eu, por exemplo...

JUIZ JOVEM (*para o Verdugo*): Difícil, sim, porque as pessoas não querem entender.

VERDUGO: Mas eu também não posso entender.

FILHA (*em tensão*): Não faz assim, pai. (*pausa*)

MULHER (*levanta-se, objetiva*): Quanto é o auxílio, Excelências? (*pausa*)

JUIZ JOVEM: É... de alguns milhões.

MULHER (*surpresa*): Alguns milhões?

JUIZ VELHO: Doze... treze.

FILHA: Meu Deus! (*sorrindo*) Meu Deus! (*pausa*)

JUIZ VELHO (*para o casal de noivos*): Vocês pensam fazer uma casa aqui na vila?

FILHA (*sorrindo*): Nem sei. (*olhando para o Noivo e para o Juiz jovem*) Nem sei.

JUIZ JOVEM (*sorrindo para a Filha*): Eu tenho alguns terrenos muito bons. Junto à praça. (*olha para o Noivo também*) Se quiserem, podem falar comigo depois de amanhã. (*olha para a Filha. Sorri mais aberto*) Podemos combinar.

NOIVO (*para a noiva*): Combina sim. (*para o juiz*) Ela vai, ela vai.

FILHA (*para o juiz. Sorri*): Depois de amanhã. (*para a mãe. Contente*) Mãe, a gente vai ter tudo.

FILHO (*seco*): Depende do pai. Ele ainda não respondeu.

Todos olham para o Verdugo. Pausa tensa.

MULHER (*para o Verdugo*): Você não vai fazer? (*pausa*) Hein? (*pausa*) Pois eu faço.

VERDUGO (*encarando-a*): Faz o quê, mulher?

MULHER (*para o Verdugo, encarando-o*): Se você não fizer o que eles mandam, eu faço.

FILHO (*enojado*): A mãe faz o serviço do pai? Vai matar o homem?

MULHER: Matar o homem... Que jeito de falar. Eu quero que as Excelências saibam que eu posso cumprir a lei.

FILHO (*enojado*): Mãe, você está louca.

MULHER (*irada*): Eu posso fazer o serviço que o seu pai faz, mas que agora por estupidez não quer fazer. Ninguém vai desconfiar de nada. Eu sou do tamanho dele, (encosta-se ao Verdugo) olhem. E tem o capuz.

Todos estão surpresos.

NOIVO: A senhora não vai saber... vai?

VERDUGO (*ainda sem acreditar*): Eu é que sou o Verdugo, mulher.

MULHER: Qualquer um pode ser Verdugo.

VERDUGO (*lentamente*): Fique quieta.

MULHER (*para os juízes*): Os senhores não me deixam fazer o serviço?

Os juízes abaixam as cabeças. Pausa longa.

MULHER (*para o Verdugo*): Claro, homem eles deixam.

Os juízes continuam calados.

VERDUGO (*para os juízes*): Os senhores vão dar consentimento? A lei não permite. Os senhores sabem que a lei não permite.

Silêncio um pouco esticado.

FILHO (*em tensão*): Isso está certo. O pai tem razão. Não é permitido.

FILHA (*desesperada, para o irmão*): Você quer estragar a nossa vida? Sai daqui.

JUIZ JOVEM: Deixa, ele pode ficar. (*aproxima-se do jovem*) Olha, moço, você vai entender. (*para o Verdugo*) O senhor também. Não temos muito

tempo para explicar... mas... de uma certa forma também cumprimos ordens. Há gente mais importante do que nós. Devemos dar atenção a certa gente.

FILHO (*para os juízes*): Canalhas! Canalhas!

MULHER (*para o Filho*): Cala a boca, seu desgraçado.

JUIZ VELHO (*aproximando-se do Filho*): Meu filho, escute. (*põe a mão no ombro do rapaz*)

FILHO (*para o Juiz velho*): Sai, não me pega.

MULHER (*gritando*): Você responde assim pras Excelências?

JUIZ JOVEM: Escutem, não façam tanto barulho, afinal, não queremos complicações.

MULHER: É claro, Excelência, mas estou perdendo a cabeça com esse menino.

JUIZ VELHO: O moço não tem culpa. Pensa que o pai está certo.

FILHO (*emocionado*): Eu sei que o pai está certo de não querer matar o homem, porque o homem não fez nada. Nada!

JUIZ JOVEM: Moço, não vamos discutir isso com você.

VERDUGO: O meu filho sabe que...

JUIZ VELHO (*interrompendo*): Nem com o senhor. (*pausa*)

Os juízes entreolham-se, refletem, caminham etc.

JUIZ JOVEM (*para a Mulher, objetivo*): A senhora acha que pode fazer o serviço?

MULHER (*olha para o marido, para o filho, hesita um pouco, mas olha em seguida para a filha e resolve*): Posso, muito bem até.

VERDUGO (*muito emocionado*): Mulher, não fala assim. Você não vai fazer nada.

MULHER (*exaltada*): Não vou fazer? Eu não tenho medo de você. Eu é que sei... Entra ano, sai ano, é sempre esse desassossego de não saber o que vai ser de nós. (*olha para os juízes*) Deviam pagar melhor os verdugos, sem eles a vida não fica fácil nem para Vossas Excelências. Sem os verdugos não há segurança. (*para o marido, suplicante*) Homem, pensa no teu filho também...

FILHO: Não me mete nisso, mãe, eu penso como o pai.

MULHER: Ah, pensa? Não é você, seu desgraçado, que diz todo dia que não quer ser mandado por ninguém? Que quer correr o mundo e falar com

as gentes? E você pensa que vai poder fazer o que quer se não estudar? E para estudar precisa dinheiro, desgraçado, dinheiro.

FILHO: Eu não quero mais nada, mãe, eu não quero nada à custa da morte desse homem.

FILHA: Mas esse homem já está morto, imbecil.

JUIZ VELHO: Isso é verdade, moço. Pela lei, ele já está morto.

NOIVO (*para o Filho*): Olha, meu chapa, a vida é assim mesmo. Todo mundo morre.

FILHO (*para o Noivo*): Seu molenga fedido.

FILHA (*para o irmão*): Eu te mato se você falar assim com ele.

JUIZ JOVEM: Fiquem quietos, por favor. Se continuarmos assim, temos de ir embora e tentar descobrir outro verdugo noutro lugar.

MULHER: Arranjar outro? Dar o dinheiro pra outro? Não tem ninguém pela redondeza, Excelência. Os senhores teriam de viajar muito. E ninguém vai querer. E não há mais tempo.

JUIZ VELHO: Pois é por isso é que estamos aqui. Mas o seu marido não quer o auxílio.

Batidas leves na porta.

MULHER: Bateram.

FILHA: Não.

MULHER: Bateram sim. Eu ouvi.

Batidas fortes.

NOIVO: A essa hora?

A Filha encaminha-se até a porta.

JUIZ JOVEM: Espere, não abra. (*vai até a porta*) Quem é? Fala quem é.

VOZ DO CARCEREIRO (*aflito*): Sou eu, sou eu, o carcereiro. Eu preciso falar com as Excelências.

MULHER (*receosa*): O carcereiro.

JUIZ VELHO (*intrigado*): A essa hora.

MULHER: É melhor abrir.

NOIVO: Esperem, pode não ser ele. Pode ser truque.

JUIZ VELHO (*indo até a porta*): Tem alguém junto com você?

VOZ DO CARCEREIRO (*aflito*): Não tem ninguém, abre, por favor. Abre.

O Juiz velho abre a porta. Entra o Carcereiro.

CARCEREIRO (*afobado*): Boa noite pra todos, Excelências, o pessoal está preparando alguma coisa. Tem uma coisa no ar.

JUIZ VELHO: Que coisa, homem? Você está assustado.

CARCEREIRO: Eu não me assusto com pouca coisa, Excelência.

NOIVO: Ele é um homem muito valente.

FILHO: O que é que você sabe da valentia dele, seu bobo?

FILHA (*para o irmão*): Cala essa boca.

NOIVO: Ele deu na cara daquele que matou os menininhos.

FILHO: O homem estava com as mãos amarradas. Bela valentia essa.

JUIZ VELHO: Silêncio, por favor.

JUIZ JOVEM (*para o Carcereiro*): Diz direito o que é que há, homem.

CARCEREIRO (*um pouco grotescamente*): Eu estou lá em minha mesa. O homem está quieto. Ele fica num canto da cela, de costas para mim. É o jeito dele, já me acostumei. De repente, ouço um grito lá fora: (*grita*) A vida! A vida!

JUIZ VELHO: Não grite assim.

CARCEREIRO: Desculpe, Excelência.

JUIZ JOVEM: E depois?

CARCEREIRO: Saio depressa. E só aquela escuridão. Nada. (*pausa*)

JUIZ VELHO: Continuo achando que você está assustado.

CARCEREIRO: Eu sei o que digo, Excelência. É preciso apressar a morte do homem. Se demorar muito, acontece desgraça.

JUIZ VELHO: Volta pra lá. Nós vamos dar um jeito.

CARCEREIRO: Eu tranquei tudo muito bem. Nem o demônio abre.

JUIZ JOVEM: Mas volta pra lá. Tudo se arranja.

CARCEREIRO: Boa noite, para todos, então. (*para o Filho*) E você deixa de ser atrevido, hein...

JUIZ VELHO: Vai, vai.

O Carcereiro sai. Pausa longa.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): O senhor já verificou tudo? A altura, o peso do homem?

O Verdugo olha para o filho e depois para o juiz. Confirma com a cabeça.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): Quer dizer que lá está tudo preparado? Lá na praça?

VERDUGO: Sim... mas... o que os senhores vão fazer?

MULHER: Vão fazer o que é preciso.

VERDUGO: Não. Os senhores não vão matar o homem agora. Isso não pode ser feito assim. Assim não.

FILHA (*voz de choro*): Meu Deus, pai, pensa na nossa vida. Quem é esse homem para você? Um homem que dizia coisas que ninguém sabia direito o que eram...

VERDUGO (*interrompe*): Assim não.

JUIZ VELHO: Nós não vamos executar o homem agora.

JUIZ JOVEM: Mas tem de ser amanhã.

NOIVO: Amanhã. (*olha o relógio*) Amanhã já é hoje. É tarde.

JUIZ JOVEM: Então hoje bem cedo.

VERDUGO (*para os juízes*): Mas está marcado para depois de amanhã. Com a presença do povo.

JUIZ VELHO (*para o Verdugo*): O povo estará presente hoje. Nós vamos tocar o sino da igreja. Mas é preciso que seja hoje. (*pausa. Brando*) Eu peço ao senhor... vamos... faça o que lhe cabe.

FILHA (*aproximando-se do Verdugo*): Faz, pai. Senão eles dão o dinheiro para um outro.

VERDUGO (*empurrando a filha. Para os juízes*): O homem não fez nada. Ainda tem esperança.

MULHER: Mas que esperança? Não tem nenhuma esperança.

FILHO: O pai acha que tem.

JUIZ JOVEM: Eu posso obrigar o senhor a fazer. Mas não quero obrigar.

JUIZ VELHO: Nós somos a lei. Não somos a polícia.

VERDUGO (*tentando convencer os juízes*): Excelências... é muito difícil para mim... eu não sei explicar... alguma coisa está me impedindo de fazer isso. O homem entrou no meu peito, os senhores entendem? Ele falava que era preciso... amor... ele falava...

MULHER (*com desprezo*): Amor! Amor! E o que tem isso?

JUIZ VELHO: Em nome do amor acontecem baixezas.

FILHO: Que baixezas?

JUIZ JOVEM: As palavras do homem eram palavras de fogo.

FILHA: Foi o que eu disse. Ele pôs fogo nas gentes. (*pausa*)

JUIZ JOVEM: Amor... é comedimento.

JUIZ VELHO: Mansidão.

NOIVO: Amor não é falar daquele jeito.

FILHA: Ele ficava rosado quando falava.

MULHER: Ele estava mas era cheio de ódio sempre.

FILHO (*voz alta*): Ele precisava falar daquele jeito para os outros entenderem.

FILHA: Pois eu não entendia o que ele falava.

FILHO: Não mente. Você sabe muito bem o que ele falava.

JUIZ VELHO: Amor... é respeitar o povo. Ele não respeitou vocês. Ele insultava vocês.

VERDUGO: Insultava? Não sei disso.

JUIZ JOVEM: Ele chamava vocês de coiotes.

Verdugo e Filho entreolham-se.

NOIVO: O que é isso?

FILHA: O que é um coiote?

JUIZ JOVEM: Um animal. Um lobo.

MULHER (*para o Filho*): E você defende um homem assim?

FILHO (*para a Mulher, exaltado*): Não é isso, mãe. Ele dizia que os coiotes não costumam

viver eternamente amoitados. Que é preciso sair da moita.

MULHER: E o que é que nós temos com os coiotes?

JUIZ VELHO (*para o Filho*): Sair da moita para caçar?

FILHO (*exaltado*): Para que vejam ao menos as nossas caras de coiotes e respeitem a gente. E se nos respeitarem, nós poderemos um dia... (*lentamente*) achar o nosso corpo de pássaro e levantar voo. (*objetivo*) Mas primeiro mostrar a cara de coiote.

MULHER (*com desprezo*): Pássaro... coiote... o homem é louco.

JUIZ JOVEM (*aproximando-se do Filho*): E como é a cara de um coiote?

FILHO (*encarando fixamente o Juiz jovem com uma expressão de dureza e ameaça*): Uma cara... assim.

Batidas fortes na porta.

VOZ DO CARCEREIRO (*aflitíssimo*): Excelências, abram.

JUIZ JOVEM: O carcereiro outra vez.

JUIZ VELHO (*para o Juiz jovem*): Abre.

O juiz abre rapidamente a porta.

CARCEREIRO (*entra afoito*): Não é possível esperar mais. Agora atiraram uma pedra na janela. Saio para pegar o desgraçado e nada. A escuridão outra vez. (*todos entreolham-se*) Mandem fazer o serviço depressa, Excelências, acreditem em mim, eu já estou ficando doente.

Pequeno silêncio.

MULHER (*para a filha*): Traz o capuz.

A Filha fica imóvel olhando para o pai.

VERDUGO (*para a Mulher, com enorme espanto*): O quê?

MULHER (*para a Filha, voz de comando com violência*): Traz o capuz.

A Filha entra correndo no quarto.

VERDUGO (*para a Mulher. Como se visse a Mulher pela primeira vez*): Você tem coragem! Você tem coragem de enganar o povo! O verdugo sou eu.

MULHER (*para o Verdugo*): Cala a boca. Eu sei o que faço.

VERDUGO (*irado, mas com a voz baixa*): A mulher me manda calar a boca! (*a Filha volta nesse instante com o capuz preto nas mãos, mas para, vendo a fisionomia terrível do pai*) Calar a boca! (*investe contra a mulher*) Sua porca! (*começa a esbofeteá-la*) Miserável!

O Filho tenta intervir, dizendo ao mesmo tempo "Pai, não, não", mas como o Verdugo não para, os juízes, o Carcereiro e o Noivo avançam e lutam para imobilizar pai e filho. Conseguem.

FILHO: Larguem o pai, larguem o pai.

O Filho tenta desvencilhar-se mas o Carcereiro tira rapidamente uma corda fina do bolso e com um gesto simultâneo contorna o pescoço do rapaz e amarra-lhe as mãos. Depois puxa-o até a mesa, corta com uma faca uma porção de corda e começa a amarrar-lhe os pés, enquanto os juízes e o Noivo seguram violentamente o Verdugo.

VERDUGO: Miseráveis, miseráveis!

O Carcereiro termina rapidamente de amarrar o rapaz e com o resto da corda amarra as mãos e os pés do Verdugo.

FILHO: Canalhas, bando de porcos!

O Carcereiro empurra o Verdugo e o Filho, obrigando-os a sentar no chão. A Filha não sabe o que fazer, olha para todos, tenta aproximar-se do pai.

VERDUGO: Filha.

A Filha para. Os outros estão surpresos por terem conseguido tanto.

FILHO: O que vocês vão fazer conosco?

JUIZ VELHO: Apenas deixá-los aqui para não atrapalharem o serviço.

JUIZ JOVEM (*para a Mulher*): Foi preciso. Depois trancamos tudo.

FILHA (*um pouco atemorizada*): Então troca de roupa, mãe. Põe uma calça do pai, troca os sapatos.

A Mulher entra no quarto.

VERDUGO (*para a Filha*): Esse dinheiro vai queimar a tua carne.

FILHA (*tom suplicante*): Pai, o homem já morreu. Não somos nós que vamos matá-lo. Ele já está morto. Só falta a terra em cima do cara.

VERDUGO: Está vivo. Vivo igual a mim.

FILHA (*suplicante, amorosa*): O senhor não vai aguentar muito tempo fazendo o serviço. (*aproxima-se do pai*) Não vai aguentar. O senhor é... bom demais... e os outros pisam em nós quando não se tem dinheiro. (*tom entre choroso e contente*) Nós vamos ter coisas, vamos ter coisas.

VERDUGO (*enojado*): Que coisas?

FILHA: Uma casa melhor, roupas.

VERDUGO (*enojado, voz crescente*): Uma casa? Esta não é uma casa? O que eu tenho no corpo

não é roupa? O que você veste não é roupa? O que você come não é comida?

FILHA (*com ódio*): Não. É lixo. É lixo.

NOIVO: A gente quer melhorar. A gente é jovem.

VERDUGO (*para o Noivo*): Maricão.

FILHA (*para o pai*): O senhor não precisa falar assim com ele. Ele é um homem igual a todos.

VERDUGO: Um rato.

FILHA (*com ódio*): Um rato que me serve.

O Noivo continua sorrindo.

JUIZ JOVEM: Parem. Já temos muitos problemas.

JUIZ VELHO: E não temos mais tempo.

A mulher do Verdugo volta do quarto. Veste calças compridas, sapatos masculinos e capuz preto.

JUIZ JOVEM (*para a Mulher*): Deixa ver. (*examina-a*)

JUIZ VELHO: Parece que está bem.

CARCEREIRO (*para a Mulher*): Esconda um pouco as mãos, dona. São menores que as dele.

NOIVO: A senhora ficou bem mesmo.

FILHO (*para o Noivo*): Fedido.

NOIVO (*para o Filho*): Olha, (*aproximando-se*) se você continuar com essa fala...

FILHO: Cão lazarento. (*o Noivo aproxima-se mais*) Porco.

O Noivo esbofeteia o rapaz.

MULHER (*para o Noivo*): Pare com isso.

FILHO (*para o Noivo*): Só assim mesmo, canalha. Só eu amarrado.

JUIZ JOVEM (*para o Carcereiro*): Olhe, preste atenção. Tire o homem de lá. Nós todos ficamos do lado de fora, vendo se há alguma novidade. (*põe a mão no bolso da toga e mostra um capuz branco*) Depois cobrimos a cabeça do homem com esse capuz. Em seguida vamos até a praça. Sem muito ruído, hein?

MULHER (*para o Juiz jovem*): O senhor é prático. (*olha para a Filha*) Pensou em tudo, não?

VERDUGO (*emocionado*): Você vai matar o homem durante a noite?

FILHO: Mãe, não vai. Eu nunca mais te olho na cara.

MULHER: Não é preciso que me olhem na cara. Quando muito o que vocês descobrem é se alguém tem olho de cavalo ou não. Eu tenho olho de gente. (*aproxima-se do Filho*) De gente.

(*pausa*) Vocês vão me agradecer depois. Me agradecer.

JUIZ JOVEM: Vamos andando.

CARCEREIRO: Eles estão bem amarrados.

JUIZ VELHO (*para o Carcereiro*): Tira a chave.

O Carcereiro tira a chave da porta.

JUIZ JOVEM (*para o Noivo*): Apaga as luzes.

O Noivo apaga os lampiões e sorri para o Verdugo e o Filho. Batem a porta. Trancam. Semiobscuridade. Pausa. Soluços discretos do Verdugo. Passos afastando-se.

FILHO: Pai, o senhor... não chora, pai.

VERDUGO: É bom, é bom, deixa. (*pausa*)

FILHO: O senhor não tem culpa. O senhor fez o que pôde. Quem sabe se está certo o que disseram: o homem já está morto.

VERDUGO (*recompondo-se*): Nada disso, filho, nada disso. O homem está bem vivo. Essa lei dos homens não conta.

FILHO: Essa é a única lei que conta. O senhor não viu? (*pausa*)

VERDUGO: Ele apertou a minha mão. Ele apertou a minha mão de um jeito...

FILHO (*interrompendo*): Ele pegou na mão do senhor? Quando?

VERDUGO (*emocionado e como se falasse consigo mesmo*): Ele apertou a minha mão...

FILHO (*interrompe*): Falou?

VERDUGO: Sim.

FILHO (*curiosidade angustiada*): O quê, pai?

VERDUGO: Eu não entendi o que ele quis dizer.

FILHO: Mas o quê, pai? (*pausa*)

VERDUGO (*repetindo as palavras do homem*): Nós somos um só. Eu e você somos um só.

FILHO: Somos um só? (*pausa*) Ele quis dizer que o senhor é igual a ele?

VERDUGO: Mas eu sou um verdugo. Ele não. Não tem sentido.

FILHO (*repensando as palavras do homem*): Não sei... olha... ele vai morrer... e alguns morrerão por causa dele, um dia.

VERDUGO: Eu não compreendo, filho.

FILHO: É assim: ele morre nas mãos de um verdugo... que seria o senhor. Outros, mais tarde, morrerão pelas coisas que ele falou? (*repensando*) E se for assim, ele também será como um

verdugo, o senhor compreende? Será que é isso que ele quis dizer?

VERDUGO: Acho que não é isso. E depois os verdugos existem há tanto tempo e esse homem parece o primeiro sobre a terra. Eu nunca vi um homem assim.

FILHO: A gente talvez não saiba, mas devem ter existido. Se existiram muitos verdugos... Também existiram muitas vítimas. (*repensando*) E eles podem ser iguais?

VERDUGO: Quem, meu filho?

FILHO: Os verdugos e as vítimas?

VERDUGO: Não sei, meu Deus, eu sei que sinto como se estivessem preparando a minha morte. (*voz alta*) Nós precisamos sair daqui, a sua mãe...

FILHO (*interrompe*): A minha mãe... não fala, não fala, eu morro de vergonha. Eu nem posso me mexer de vergonha. (*pausa*)

VERDUGO (*lentamente*): Ela era paciente. Tudo mudou... na noite em que fui verdugo pela primeira vez. Quando voltei para casa e me deitei sem comer e sem dizer uma palavra, ela perguntou: "Você não vai aguentar?". E eu disse o que você acabou de dizer: "Não fala, não fala, eu

nem posso me mexer de vergonha". (*voz alta*) Eu não devia ter dito isso, ela não entendeu, não era fraqueza... era...

FILHO: Eu sei.

VERDUGO (*voz comovida e alta*): ...mas alguém tem de ser verdugo, se não fosse eu seria um outro, eu achei que ser verdugo era ser humilde como eu sou, você compreende?

FILHO: Não fica assim, pai. Eu sei.

VERDUGO: Você não sabe. No fundo, você não entende o seu pai, não é?

FILHO: Não é isso... é que...

VERDUGO: Fala.

FILHO (*lentamente*): É que o senhor, o senhor é forte mas parece também tão delicado, delicado para ser o que o senhor é.

VERDUGO (*tom suave*): Delicado... (*tom angustiado*) Delicado, sim. (*pausa*) Tudo me entra no peito. Tudo, você entende? Eu olho as gentes, as pessoas, e eu sinto piedade. Eu tenho piedade das pessoas.

FILHO: Desse homem também?

VERDUGO: Esse homem é diferente. Não é piedade. (*pausa*) E quando eu era como você, filho,

eu me levantava muito cedo e ficava um tempo olhando a rua.

FILHO: Olhando o quê na rua?

VERDUGO: Olhando. Algumas pessoas passavam, iam para o trabalho, e eu pensava, meu Deus...

FILHO: O quê, pai?

VERDUGO: Eu sentia uma pena das gentes... e de repente passava um cachorro... e de repente eu olhava, sabe, naquela casa, havia uma planta, uma primavera que tentava subir o muro... e eu sentia piedade...

FILHO: Da planta?

VERDUGO (*muito comovido*): No começo eu pensei que fosse só a emoção de estar vivo, você compreende? Eu pensava: (*tranquiliza-se um pouco*) "É, eu me comovo com a vida, com tudo o que está vivo, é isso". (*emociona-se novamente*) Mas depois essa coisa foi crescendo e até uma casa, uma parede meio gasta me comovia... e até...

FILHO: Até o quê, pai? (*pausa*)

VERDUGO: Um osso, meu filho. Um osso me comovia. (*lentamente. Em voz baixa*) Não só a vida. A morte, a cinza das coisas, o vazio me comovia.

FILHO: Meu Deus, pai.

Rumores lá fora.

VERDUGO: É como eu sou, você compreende? Eu tentei... (*rumores mais altos lá fora. Desesperado*) Nós precisamos sair daqui.

FILHO: Olha, encosta a mão na minha boca. Talvez eu consiga desamarrar o senhor.

O Verdugo aproxima-se do Filho, arrastando-se. O Filho tenta, com os dentes, desfazer o nó da corda. Rumores lá fora, passos.

VERDUGO: Você está ouvindo? Alguém já sabe. Dá um jeito nisso, meu filho. Eu vou lá, eu vou falar com o povo. (*rapidamente, entusiasmado*) Eu salvo o homem, e enquanto eu estiver lá você vai até o vale, prepara o barco perto do rio mas não fala com aqueles... eles agora são capazes de não entender mais. Me espera no barco, compreendeu? Eu vou até lá com o homem. Você está conseguindo? Vamos, meu filho. (*o Filho tenta desesperadamente*) Todo mundo vai me ajudar, eles nunca viram um homem assim, eles gostam do homem, eles gritavam "A vida! A vida!". (*pausa*) Você não está conseguindo? Filho, por favor. (*passos apressados lá fora, uma frase: "Mas é agora?"*) Eles não vão tocar o sino.

Não vão. Mas todo mundo vai acordar, tenho certeza. Quando eu voltava, hoje, eu vi a porta da igreja fechada... será que... que o padre não está lá? Será que... não, não é isso, deve ser uma outra coisa.

FILHO: Pronto, pronto, eu consegui.

O Verdugo desamarra rapidamente os próprios pés e desamarra o Filho. Correm até a porta.

VERDUGO: Eles trancaram, mas a gente arrebenta. (*arrebentam a porta com o próprio corpo*) Vai, faz como eu te disse.

FILHO: Toma cuidado, pai.

VERDUGO: Corre, corre.

Blackout *completo. Rumores que vão crescendo. Frases na rua: "O que foi?"– "Vem depressa" – "Não tem tempo".*

2º ATO

Cenário

Pequena praça. Patíbulo. Forca. Semiobscuridade. Sombras. Frases inaudíveis em tom crescente. Os juízes entram apressadamente. Sobem no patíbulo. Atrás dos juízes vêm a mulher-verdugo, a Filha e o Noivo. Atrás da Filha e do Noivo, segurando o homem, o Carcereiro. Seis cidadãos agitados, atrás do homem e do Carcereiro. O Carcereiro ajuda o homem a subir no patíbulo. A Mulher sobe também. A Filha e o Noivo ficam separados dos cidadãos, num canto próximo ao patíbulo. O homem está com o rosto coberto pelo capuz branco.

Cidadãos (*superpondo frases*):

Mas o que é isso?

Ainda é noite.

Nem tocaram os sinos.

Isso é proibido.

Safadeza.

É só depois de amanhã.

Ainda tinha tempo.

Cht! Cht!

Mas é noite.

Juiz velho: Tenham calma.

Rumores continuam.

Juiz jovem: Calma, meus amigos. Nós vamos explicar.

Voz de um cidadão: Mas é noite ainda.

Cidadão 1 para o 4: Manda tocar o sino.

Cidadão 2 para o 4: E chama o padre. Ele dá um jeito nisso.

Cidadão 3 para o 4: Avisa a minha gente.

Cidadão 4 (*impaciente*): Ah, eu não saio daqui. Eu quero ver.

Frases se superpondo:

Mas assim ninguém fica sabendo.

Quem não tá aqui é porque não quer ver.

Com esse barulho todo mundo já sabe, mas ninguém quer vir.

Deu cagaço na turma.

Frase bem audível: E o padre?

Frase bem audível: Acho que hoje ele foi até o vale. No asilo.

JUIZ JOVEM: Escutem, só um instante, só um instante.

CIDADÃO 5: Deixem a Excelência falar.

JUIZ VELHO: Silêncio, por favor.

Vão silenciando aos poucos.

JUIZ JOVEM: Senhores... a lei precisa ser cumprida.

Frases dos cidadãos: "Mas o homem não fez nada" – "Ele só falava" – "Você entendia?" – "Era só depois de amanhã".

JUIZ VELHO: Esperem um pouco. Nós vamos explicar. (*rumores. Silenciam*) O verdugo não pode mais esperar até amanhã. Tem outros serviços longe daqui. E tão importantes quanto este.

Frases dos cidadãos: "O outro que espere" – "A morte vem quando tem de vir".

JUIZ JOVEM: Mas a lei precisa ser cumprida.

CIDADÃO 1: Mas o que o homem fez?

CIDADÃO 5: Falem o que ele fez.

CIDADÃO 6: É, ninguém explica.

JUIZ VELHO: Ele já foi julgado.

CIDADÃO 5: Mas ninguém entendeu o que as Excelências disseram. Foi uma fala enrolada.

Frases: "Nós queremos saber direito" – "Claro". Rumores.

JUIZ JOVEM: O homem enganou vocês. Colocou vocês contra a lei. Agitou.

CIDADÃO 5: É bom a gente se agitar um pouco. Desempena.

Risos.

JUIZ VELHO: Silêncio, por favor.

JUIZ JOVEM: Vocês não viviam em paz?

Frases: "Paz é no enterro" – "Mas não durante, só com a terra por cima".

CIDADÃO 5 (*para o juiz*): Que paz?

Uma frase: "Na minha barriga é que tem muita paz". Risos.

CIDADÃO 1: O homem é bom.

CIDADÃO 2: Queria ajudar.

JUIZ VELHO: E ele ajudou?

JUIZ JOVEM: Deu comida? Deu roupa pra vocês?

CIDADÃO 3: Ele é pobre como a gente.

CIDADÃO 6: Ele disse que é preciso mostrar a cara de bicho.

JUIZ VELHO: E vocês são bichos, por acaso?

CIDADÃO 5: Era figuração.

CIDADÃO 1 PARA O 5 (*empurra-o para o patíbulo*): Vai, fala você, sabe explicar.

O número 5 sobe no patíbulo. Entra o Verdugo, correndo.

VERDUGO (*gritando*): Parem! Parem!

A família e os juízes entreolham-se.

CIDADÃO 5: O verdugo.

Olham todos para o Verdugo e para a mulher-verdugo.

CIDADÃO 1 (*apontando a mulher-verdugo*): Mas o verdugo está aí.

CIDADÃO 3 (*apontando o Verdugo*): Mas esse é que é o verdugo.

VERDUGO (*para os cidadãos, apontando os juízes*): Eles enganaram vocês. É a minha mulher que está aí.

Silêncio.

CIDADÃO 6 (*para a Mulher*): Tira o capuz! Tira o capuz!

A Mulher tira o capuz.

CIDADÃOS: A mulher! É mesmo a mulher! Sai daí de cima! Sai!

Os juízes fazem com que a Mulher fique. Rumores.

JUIZ JOVEM: Esperem, nós podemos explicar.

O Verdugo fica no meio dos cidadãos, tentando convencer uns e outros.

CIDADÃO 5: Mulher não pode ser verdugo.

Frase solta: "A minha bem que podia". Algum riso. Rumores.

JUIZ VELHO: Esperem, nós queremos ser honestos com vocês. (*risos mais audíveis*) Escutem, se nós não cumprirmos a lei agora, amanhã vocês é que serão mortos.

Frases: "Nós?" – "Mortos?" – "Por quê?"

VERDUGO (*exaltado*): É mentira, é mentira.

CIDADÃO 5 (*para os juízes*): Por que a mulher está aí?

Frases dos cidadãos: "É isso mesmo" – "Isso não pode" – "Por quê, hein?".

JUIZ JOVEM (*apontando o Verdugo*): Esse homem não pode mais ser verdugo. Não tem mais coragem.

VERDUGO (*exaltado*): Mentira.

JUIZ VELHO: É verdade. Ele não tem mais coragem.

CIDADÃO 5: Ninguém vai matar ninguém aqui. (*frases dos cidadãos: "Soltem o homem". Aproximam-se mais do patíbulo. Para os juízes*) Soltem o homem!

JUIZ JOVEM (*dando alguns passos à frente*): Vocês serão todos mortos. Mortos. (*os cidadãos estaqueiam. Para o outro juiz*) Mostra o papel.

Alguns cidadãos recuam.

CIDADÃO 5: Que papel?

JUIZ JOVEM (*para o velho*): Mostra.

JUIZ VELHO (*tirando um papel do bolso da toga*): Nós vamos ler o que só teria de ser lido em caso de extrema necessidade. (*desdobra o papel*) Senhores, este é um documento dirigido a nós, os juízes. (*começa a ler*) As autoridades esperam que o lúcido critério de Vossas Excelências torne possível a execução do homem, dentro de um prazo mínimo. Como é nosso dever proteger o povo, zelar por suas vidas...

CIDADÃO 5: Olha aí, eles não querem a nossa morte.

JUIZ JOVEM: Esperem, vamos continuar.

JUIZ VELHO: Como é nosso dever proteger o povo, zelar por suas vidas, estender-lhe a mão...

CIDADÃO 1 (*interrompe, apontando o próprio traseiro*): Nessa direção?

Risos prolongados.

JUIZ VELHO: Silêncio... (*continua a ler*) lutar contra toda espécie de ameaças, sejam elas sutis ou definidas...

CIDADÃO 1 (*interrompe*): Já começou a fala enrolada, o que quer dizer... como é? Como é?

CIDADÃO 5: Sutil.

CIDADÃO 3: O que é isso?

JUIZ VELHO: Ameaça é perigo.

CIDADÃO 4: E sutil?

JUIZ JOVEM: Um perigo que é difícil explicar de onde vem.

JUIZ VELHO (*aponta o homem*): Esse homem é um perigo sutil.

CIDADÃO 4: Porque ninguém sabe de onde ele vem?

CIDADÃO 5: Ele vem de algum lugar e isso basta. De longe.

CIDADÃO 2: Longe é lugar nenhum.

JUIZ VELHO (*impaciente*): Mas não é isso! Não é isso!

CIDADÃO 5: Deixa pra lá, Excelência, continua.

JUIZ VELHO (*continua a ler*): ...aguardamos o cumprimento da nossa vontade o mais breve possível. Não queremos ódios, nem inquietações, queremos apenas, ajudados pela mão de Deus, transformar a confusão dos homens em amor, em justiça. Se não derem cumprimento à nossa vontade, a vila terá merecido castigo. (*levanta a cabeça*) E o merecido castigo é a morte.

CIDADÃO 5: Isso não está escrito aí.

JUIZ VELHO: Mas eu sei o que digo.

CIDADÃO 1: Aí fala em amor.

CIDADÃO 2: O homem também falava em amor.

CIDADÃO 4: Todo mundo fala em amor, mas ninguém resolve o problema da gente.

CIDADÃO 5: Não chora de barriga cheia. E a Lucinda?

Risos.

VERDUGO: Por favor, me escutem, não deixem matar o homem.

FILHA (*grita*): Chega, pai, chega.

CIDADÃO 1: É a filha.

Rumores.

FILHA (*subindo no patíbulo*): Olhem, o meu pai está doente.

CIDADÃO 5: Mentira. Ele tá muito bem.

FILHA: Quem disse mentiras foi o homem.

CIDADÃO 5: Por quê?

CIDADÃO 1: Ele falou em amor como nesse papel.

CIDADÃO 2: Então as autoridades também mentem?

FILHA (*aflita*): Mas amor é... (*não sabe o que dizer mas lembra-se da fala do juiz. Olha para o Juiz jovem*) ...comedimento.

CIDADÃO 6: E o que é isso?

JUIZ JOVEM (*adiantando-se*): É não fazer coisas violentas.

CIDADÃO 5: E matar o homem não é uma coisa violenta?

FILHA: Mas o amor... tem dois jeitos de ser.

CIDADÃO 3: Qual é o teu jeito, hein?

Risos.

FILHA (*com raiva*): A gente deve matar aqueles que nos confundem.

CIDADÃO 2: Todo mundo é confuso.

FILHA: Vocês entendiam o que ele falava?

CIDADÃO 5: Entendia, sim. Ele falava da alma.

FILHA: Mas o corpo é que interessa.

VERDUGO: O que ele falava... era verdade. Ainda que fosse para daqui a muito tempo.

FILHA (*para os cidadãos*): E a barriga de vocês aguenta muito tempo? (*rumores. Olha para os juízes e, de repente, enquanto os rumores continuam, ela parece descobrir a fórmula para vencer os cidadãos*) Olhem, (*refere-se ao homem*) ele queria é que a gente não prestasse atenção no problema de agora. Falando pra daqui a muito tempo, a gente pensa nesse tempo que importa.

Silêncio. Um certo rumor.

CIDADÃO 1: Como é? Como é que você disse?

Frases: "Você entendeu?" – "Deve ser assim". Cochicham. Os juízes se entreolham. A mulher do Verdugo está rígida, de olhar altivo durante quase todo o tempo.

CIDADÃO 2: O homem era contra nós, então?

CIDADÃO 4: Falava do jeito que falava pra gente não pensar na barriga de hoje?

FILHA: Assim mesmo.

CIDADÃO 5 (*para a Filha*): Explica isso direito.

FILHA: É muito fácil de entender.

VERDUGO: Não é nada como ela disse... é...

CIDADÃO 5 (*interrompe*): Espera um pouco, você. (*para a Filha*) Anda. Fala.

FILHA (*aponta para os cidadãos*): Se a gente está morrendo, cheio de dor mesmo, e vem o padre... isso (*para o 5*) te alivia?

CIDADÃO 5 (*sem entender*): O quê?

FILHA: O padre te alivia a dor?

Rumores.

CIDADÃO 5: Não... o padre não alivia a dor.

Rumores.

FILHA: E você não deixa de morrer porque o padre veio, deixa?

CIDADÃO 1: Se chegou a hora da gente, não.

Rumores.

FILHA: Mas enquanto o padre está por perto você pensa que está aliviado, não é?

CIDADÃO 5: E daí?

FILHA (*apontando o homem. Voz muito alta*): Esse homem é como um padre na hora da morte. Só isso. Mais nada.

Silêncio completo.

CIDADÃO 5 (*irritado*): Mas que mulher enrolada, poxa. Parece até uma bobina. Eu já nem sei o começo da conversa. (*os outros cidadãos concordam*) Escutem, vamos fazer uma coisa.

Todos os cidadãos: Fala, fala.

CIDADÃO 5: O que é que vocês acham do homem? (*rumores. Aponta o número 1*) Você aí. O que é que você acha?

CIDADÃO 1: Bem... eu acho que mais ou menos o homem falava coisa certa.

CIDADÃO 5: O quê, por exemplo?

CIDADÃO 1: Ele falava que é preciso conhecer o que mais nos oprime.

CIDADÃO 2 (*aponta os juízes*): E a gente não conhece?

CIDADÃO 6: Mas será que é isso?

CIDADÃO 3: Se era isso, não adianta. Eles não estão sozinhos. A coisa vem de cima.

CIDADÃO 4: E a gente não pode chegar até lá.

CIDADÃO 3: Então o que ele falou não adianta.

CIDADÃO 2: Mas para mim ele me deu alegria.

CIDADÃO 3: Também não precisa muita coisa pra te alegrar.

Risos.

CIDADÃO 5: Deixa ele falar.

CIDADÃO 2: Me deu esperança. Esperança é alegria.

CIDADÃO 5: Esperança de quê? Explica.

CIDADÃO 2: De que um dia os homens vão ser bons.

Rumores de descrédito: "Um dia, um dia!".

FILHA: Não adianta vocês fazerem isso, ele já foi julgado.

Os juízes dão sinais evidentes de impaciência.

CIDADÃO 5: Mas está sendo julgado de novo, dona. Fica quieta.

CIDADÃO 4: Pra mim ele me deu vontade de matar.

Rumores mais audíveis.

FILHA: E quem dá vontade de matar é bom?

CIDADÃO 1: Eu só tive vontade de matar quando olhei na cara daquele que matou os menininhos.

CIDADÃO 2: Isso é outra coisa.

CIDADÃO 3: A vontade de matar é a mesma. Matar é uma coisa só.

CIDADÃO 5 (*para o 4*): Mas por que ele te deu vontade de matar?

CIDADÃO 4: Porque eu entendi muito bem o que ele falava. Mostrar a cara de bicho não é tudo, porque o bicho também tem garra.

VERDUGO: Mas o homem não falou da garra...

CIDADÃO 5 (*para o Verdugo*): Ninguém te perguntou nada ainda.

CIDADÃO 3 (*para o Verdugo*): E se você é bicho e tem cara e tudo de bicho, você só mostra a cara?

JUIZ VELHO: Me escutem um pouco, por favor, me escutem. Tudo isso não vale nada. Julgar um homem não é simples assim. Vocês querem saber? Com pouca palavra? É isto: tudo é como uma roda girando há muito tempo. Às vezes estamos no alto, outras vezes não.

CIDADÃO 5: Isso é bem simples. Mas vocês é que estão no alto há muito tempo.

JUIZ JOVEM: E outros estão mais altos do que nós.

JUIZ VELHO: Se vocês não matam o homem agora, os outros de cima vão matá-lo de qualquer jeito.

CIDADÃO 5: Nós podemos deixar o homem fugir.

VERDUGO: Isso não tem sentido.

CIDADÃO 3: Não adianta... Ele foge... e nós ficamos?

JUIZ JOVEM: Vocês no lugar dele.

Silêncio prolongado.

VERDUGO (*com determinação*): Eu fico no lugar dele. Eu não me importo.

CIDADÃO 5: O teu negócio é matar, não é morrer.

VERDUGO: Escutem, meu filho está no vale perto do rio. Eu levo o homem até lá. O homem foge, eu volto. E fica tudo em cima de mim.

FILHA: O senhor não pode fazer isso, pai, pensa em nós.

CIDADÃO 6: Ele não volta, ele vai se safar.

VERDUGO: Eu volto. Por Deus. Eu volto.

MULHER (*seca*): Pensa em mim, homem.

VERDUGO (*para a Mulher*): Você está pensando no dinheiro. Não em mim. (*pausa*)

CIDADÃO 5: Dinheiro.

Frases se superpondo: "Qual dinheiro?" – "Ah, tem dinheiro no negócio" – "Eu sabia, tava tudo muito complicado" – "Assim não".

FILHA: O meu pai está doente, não sabe o que diz.

CIDADÃO 5: Ele sabe muito bem o que diz. (*para o Verdugo*) Qual dinheiro? (*pausa*) Que dinheiro é esse?

VERDUGO (*olhando para a Filha*): As Excelências me ofereceram dinheiro se eu matasse o homem.

Todos olham para os juízes.

MULHER (*seca, voz alta*): Não foi assim.

CIDADÃO 3 (*referindo-se à Mulher*): Por isso ela resolveu fazer o serviço.

Rumores.

JUIZ JOVEM: Silêncio, por favor. (*pausa*) Oferecemos sim. Oferecemos dinheiro para salvar vocês.

CIDADÃO 3: E dar dinheiro para o verdugo nos salva?

CIDADÃO 5: Salva ele.

CIDADÃO 3: Mas quanto é esse dinheiro?

FILHA (*desesperada*): Pai, olha o que você fez.

CIDADÃO 3: Deve ser muito para ela ficar assim.

CIDADÃO 5 (*para o Verdugo*): Quanto é que é, vamos.

FILHA: Vocês vão querer o dinheiro? Isso não.

CIDADÃO 6: E se o teu pai não quer, o que é que tem?

CIDADÃO 3 (*para a Filha*): É muito dinheiro? Desembucha logo.

MULHER (*olhando o Verdugo que está desesperado*): Doze... treze milhões.

O Verdugo tem as mãos no rosto e olha para todos, sofridamente. Rumores de espanto, silêncio, uma frase solta: "Mas isso não é direito, nem o verdugo quis esse dinheiro".

CIDADÃO 5: E vocês sabem se eles (*aponta os juízes*) vão dar o dinheiro pra nós?

Silêncio. Expectativa tensa.

JUIZ JOVEM: Damos o que for preciso.

JUIZ VELHO: Talvez um pouco mais... se é para tantos.

Cidadãos entreolham-se. Silenciam.

CIDADÃO 3: A gente faz um negócio onde entram todos.

Rumores. Cochicham com o número 5.

CIDADÃO 5 (*para os juízes*): A gente recebe o dinheiro logo?

JUIZ JOVEM: Assim que o homem morrer.

VERDUGO (*desesperado, subindo no patíbulo*): O homem é bom, gente. Olhem bem pra ele.

CIDADÃO 1: A gente não vê mais a cara.

Risos.

CIDADÃO 3: Eu não me lembro mais da cara dele.

O Verdugo aproxima-se do homem e tenta tirar-lhe o capuz. É imediatamente contido pelo Carcereiro.

CARCEREIRO: Não é permitido tirar esse capuz. O senhor não pode fazer isso.

VERDUGO (*para os cidadãos. Voz muito alta*): Mas vocês não queriam matar o homem! Um de vocês gritou! "A vida! A vida!" O carcereiro ouviu. (*para o Carcereiro*) Conta. (*para os cidadãos*) Foi um de vocês!

CARCEREIRO: Eu não estou bem certo, não. Acho que era voz de mulher.

CIDADÃO 3: Foi coisa de mulher, sim.

VERDUGO: Mas vocês disseram que o homem era bom.

CIDADÃO 1: O homem parecia bom, mas a tua filha disse que ele falava do jeito que falava pra gente não pensar na fome de hoje. E isso é bondade?

VERDUGO: Mas é tudo mentira. Ela falou assim por causa do dinheiro.

CIDADÃO 3: Mas que raiva você tem de dinheiro, hein, velho.

JUIZ JOVEM: O homem esteve sempre contra vocês. Qualquer um que põe o povo contra as autoridades está contra vocês.

VERDUGO (*para os cidadãos*): Mas pensem, pensem... se ofereceram dinheiro...

JUIZ JOVEM: Ofereceram dinheiro para que vocês se animem a nos ajudar.

JUIZ VELHO: Com dinheiro é mais fácil um ajudar ao outro.

CIDADÃO 3: Sempre se oferece dinheiro pela cabeça de um louco.

VERDUGO: Mas esse homem não é louco. Ele quis ajudar.

JUIZ JOVEM: Com palavras?

JUIZ VELHO: A palavra é de pedra. Não ajuda ninguém.

VERDUGO: Mas gente! Ofereceram dinheiro foi pra mim, não pra vocês. Eles não queriam ajudar nada.

CIDADÃO 6: E você não quis por quê? A tua barriga tá mais cheia do que a nossa?

VERDUGO: Porque não era justo. Não era justo. (*tom suplicante*) Vocês não queriam.

CIDADÃO 1: É que era difícil de entender, homem. Todo mundo fala de um jeito difícil, a gente se atrapalha. (*aproxima-se um pouco do patíbulo*)

VERDUGO: Ninguém toca no homem. Ninguém toca. (*aponta o nº 2*) Você que disse que o homem te deu esperança, chama o padre.

CIDADÃO 5: O padre deve ter ido até o vale. Foi no asilo daqueles. E quando ele vai pra lá ele fica a noite inteira.

O Verdugo olha desesperadamente ao redor, como se procurasse alguém.

MULHER (*para o Verdugo*): Homem, agora é demais. Deixa eles fazerem o que é preciso. Você tem a mim e a seus filhos. Deixa o homem morrer a morte dele.

CIDADÃO 2 (*para o Verdugo*): Ah, vá lá, faz logo o teu dever.

MULHER (*para o Verdugo*): Faz o teu dever.

O Verdugo protege o corpo do homem com o seu próprio corpo. O Carcereiro tenta empurrá-lo, mas é violentamente empurrado pelo Verdugo.

CIDADÃO 3: Mas afinal esse homem é teu parente ou o que é? Você prefere ele a nós. (*rumores*)

Olha, nós vamos fazer uma comunidade onde todo mundo vai entrar e melhorar de vida. Com esse dinheiro que ofereceram, todos vão trabalhar e encher a barriga. Você também não tem filhos? A moça (*aponta a Filha*) não vai casar com aquele ali? (*aponta o Noivo*)

NOIVO: E eu estou sem emprego. Ajudava muito.

VERDUGO (*voltando para o homem, emocionado*): Fala, homem de Deus, explica pra todos quem você é.

JUIZ VELHO: Ele não tem mais o direito de falar.

JUIZ JOVEM: Pela lei, ele já está morto.

CIDADÃO 3: E de qualquer jeito, ninguém vai entender o que ele fala. (*para o Verdugo*) Anda logo com isso.

Expectativa. Silêncio.

HOMEM (*lentamente*): Eu não soube dizer. Eu não soube dizer como devia. Eu não me fiz entender. Eu não me fiz entender. (*para o Verdugo*) Faz o teu serviço.

Silêncio completo.

VERDUGO (*para o homem*): Eu não posso. Eu não posso.

Cidadão 5: Então sai daí.

Entra correndo o filho do Verdugo.

Cidadão 1: Olha o filho dele.

O Filho para, olha em torno, olha para o pai.

Cidadão 6: Esse é o filho?

Verdugo (*para o Filho*): Volta! Volta!

O Filho tenta aproximar-se do pai.

Cidadão 5: Não deixem o moço chegar perto, ele vai atrapalhar.

O Carcereiro segura o Filho.

Filho (*desesperado*): Pai, o que foi? O que foi?

Cidadão 3: Fica quieto, moço. O seu pai já tem muita encrenca, fica quieto.

O Filho tenta chegar perto do pai mais uma vez.

Cidadão 5 (*para o Carcereiro*): Segura forte, ele vai dar trabalho.

Cidadão 6 (*para o Verdugo*): Faz logo o serviço, anda.

Cidadãos (*todos juntos*): Vai, vai, vai.

Verdugo (*ajoelhando-se*): Pelo amor de Deus, não matem o homem. Olhem, eu posso explicar... ele apertou a minha mão... quando...

Cidadão 5: Ah, sai daí, essa não.

Risos.

Verdugo (*còmpletamente emocionado e frágil*): Ele tem os olhos de um cavalo que um dia... um cavalo...

Cidadão 2: Chi... o homem tá ruim da bola.

O filho do Verdugo abaixa a cabeça, parece chorar.

Cidadão 3: Ele gamou pelos olhos do outro.

Risos.

Filha: Vem, pai, sai daí, vem.

Cidadão 5: Não. Ele vai fazer o serviço.

Mulher: Ele vai é pra casa, vem. (*tenta puxar o marido*)

Cidadão 5 (*empurrando a Mulher*): Não, agora ele vai ficar e fazer o serviço.

Verdugo (*recompondo-se*): Eu não faço. Eu morro mas não faço.

Cidadão 6: Tira ele de lá.

Cidadão 2: O homem ficou louco.

Filho (*desesperado, voz baixa*): Pai, meu pai.

A Mulher tenta novamente aproximar-se, mas é empurrada. A Filha tenta também aproximar-se. O Noivo está quieto no mesmo canto.

CIDADÃO 5 (*para a Filha*): Vai saindo. Vai saindo, moça.

FILHA (*voz alta, exaltada*): Eu disse, ele está doente, não façam nada com ele. (*olha para os juízes*)

Os cidadãos aproximam-se perigosamente do patíbulo. Os juízes descem. Nesse instante entram na praça os dois homens-coiotes. Estão vestidos da seguinte maneira: calça e camisa comuns, cabeça e rosto de lobos, mãos para trás. Ficam de frente para o público, examinam o público fixamente e depois voltam as cabeças em direção ao patíbulo. Tem-se a impressão de que não foram vistos por nenhum dos cidadãos, nem pelos juízes etc. Apenas o filho do Verdugo dá a impressão não só de que os conhece, mas de que os esperava.

VERDUGO (*protegendo o homem com seu próprio corpo. Com determinação*): Ninguém chega perto.

CIDADÃO 5: O homem tem de morrer. Vamos, vai andando. (*entra em luta com o Verdugo*)

Os cidadãos atacam em conjunto, o Filho tenta escapar das mãos do Carcereiro, mas não consegue. Frases: "Mata logo o homem" – "Mata do nosso jeito".

VOZ DO VERDUGO (*com intensa comoção*): Não. Não. Eu morro mas...

Frase: "Então morre". Começam a dar pauladas no homem e no Verdugo. Cena de intensa violência. Frases soltas: "Dá uma no olho de cavalo" – "Toma você também, seu porco". Terminam a chacina. Recuam vagarosamente. Silêncio esticado. Descem do patíbulo. Vê-se o homem e o Verdugo lado a lado, mortos.

JUIZ VELHO (*quebrando o silêncio*): Nós não queríamos que fosse assim.

Mulher, Filha e Noivo se unem amedrontados, num canto. O Carcereiro solta o Filho e este sobe no patíbulo e olha para o Verdugo, estarrecido.

CIDADÃO 5: É... mas foi assim. (*vai saindo*)

CIDADÃO 3: Agora já acabou. (*vai saindo*)

CIDADÃO 5 (*para, olha para os juízes que também vão saindo*): Daqui a algumas horas nós passamos por lá.

JUIZ VELHO: Está bem.

JUIZ JOVEM (*para o Juiz velho*): Eu não aguento mais esta roupa.

JUIZ VELHO: É sempre muito difícil de aguentar. (*saem*)

CIDADÃO 1 (*passando pelos homens-coiotes, para o Cidadão 2*): Esses quem são?

CIDADÃO 2: Parece que é a gente que mora no vale.

CIDADÃO 1: Eles têm uma cara diferente da nossa... (*param um instante, mas não chegam perto*) ...um olho...

CIDADÃO 2: Um olho que atravessa. E dizem que são esquisitos. Dizem que quando eles falam, a boca se enche de sal.

CIDADÃO 1: São estórias. (*saem*)

A Mulher, a Filha e o Noivo começam a arrastar o corpo do Verdugo para fora de cena. Param um instante e olham o filho do Verdugo. Este último fica imóvel, olhando para os homens-coiotes. Em seguida, olha pela última vez o corpo do pai, anda em direção aos homens, encara-os.

FILHO (*para os homens-coiotes, objetivo*): Vamos.

Os homens-coiotes atravessam a pequena praça junto com o filho do Verdugo. Quando estão saindo, um foco de luz violenta incide sobre as mãos dos homens-coiotes. As mãos estão cruzadas na altura dos rins, e deve ser visto claramente que são patas de lobo com grandes garras.

FIM

A MORTE DO PATRIARCA

(1969)

CIDADÃO 2: Parece que é a gente que mora no vale.

CIDADÃO 1: Eles têm uma cara diferente da nossa... (*param um instante, mas não chegam perto*) ...um olho...

CIDADÃO 2: Um olho que atravessa. E dizem que são esquisitos. Dizem que quando eles falam, a boca se enche de sal.

CIDADÃO 1: São estórias. (*saem*)

A Mulher, a Filha e o Noivo começam a arrastar o corpo do Verdugo para fora de cena. Param um instante e olham o filho do Verdugo. Este último fica imóvel, olhando para os homens-coiotes. Em seguida, olha pela última vez o corpo do pai, anda em direção aos homens, encara-os.

FILHO (*para os homens-coiotes, objetivo*): Vamos.

Os homens-coiotes atravessam a pequena praça junto com o filho do Verdugo. Quando estão saindo, um foco de luz violenta incide sobre as mãos dos homens-coiotes. As mãos estão cruzadas na altura dos rins, e deve ser visto claramente que são patas de lobo com grandes garras.

FIM

A MORTE DO PATRIARCA

(1969)